

Introdução

A família, tradicionalmente reconhecida como a célula básica da sociedade, instituição responsável pela socialização e pleno desenvolvimento de seus membros, tem passado por tantas e tamanhas modificações que sua própria conceitualização tornou-se um desafio. Embora seja comum, ao pensarmos em família, nos vir à mente um pequeno grupo social, geralmente composto por um casal e seus filhos, essa configuração se encontra modificada, do ponto de vista social e cultural. Hoje já é consensual, no meio acadêmico, “a compreensão de que as formas históricas da família variam muito quanto a sua estrutura, exercício de autoridade, funções, extensões do parentesco integrado e autonomia em relação ao meio social” (Mello, 2005:25).

Talvez pelo fato de se apresentarem, atualmente, tão pluriformes, as famílias e suas atividades diárias têm despertado interesses em estudiosos de várias áreas das ciências sociais como a Sociologia, a Psicologia, a Filosofia, a História, a Educação, a Antropologia e a Lingüística. Na busca de melhor compreender as relações que estão surgindo dentro dos novos modelos familiares, cabe à Lingüística, particularmente à Sociolingüística Interacional, o estudo da linguagem nas interações no âmbito familiar.

A presente pesquisa volta-se para o estudo da construção das identidades sociais e discursivas na fala-em-interação de uma família brasileira, focalizando: o conflito interacional que se estabelece entre pai e filhas em eventos interacionais; as identidades pessoais de membros da família construídas na relação com o outro e as identidades de família como um grupo social. Tem como ponto de partida a inquietação que sempre me causou o poder da linguagem para gerar ou evitar conflitos dentro da família, entendida muitas vezes como uma situação pré-estabelecida: não se pode biologicamente escolher a família à qual pertencer, mas como algo que se constitui ao longo do tempo; amizade como algo que, segundo a antropóloga Cláudia Barcellos Rezende (2002), pressupõe escolha e afinidade e, finalmente, a mudança havida nas relações entre pais e filhos adolescentes. Basicamente, parto da inquietação causada pelas mudanças

percebidas nas relações de poder e distância, o estabelecimento de novas relações permeadas pelo afeto e, ainda, os conflitos ocasionados pelas mudanças nas relações de poder e pelo estabelecimento de outras que oscilam entre o afeto e o poder. Retomo, neste momento, algumas perguntas que sempre me incomodaram e agora servirão para nortear minha pesquisa e cujas respostas serão apresentadas após a análise dos dados:

1 – Como funcionam as relações de poder, distância e afeto entre pais e filhos, no contexto da família brasileira em foco? Como os participantes se colocam nestas relações?

2 – Quais são os mecanismos e/ou estratégias de interação assumidos por cada participante?

3 – Quais são os papéis sociais e/ou interacionais assumidos?

4 – O que ocorre do ponto de vista da família como um grupo social, tendo em vista: os itens 1,2 e 3 acima?

5 – Quais são as concepções de família construídas, como ficam as expectativas de cada um em relação aos novos modelos familiares e qual a reação dos participantes diante das identidades em mudança?

Pretendo, ainda, pensar nas mudanças havidas nas relações familiares, em como a divisão de papéis dentro da família é bem delineada e (re)delineada constantemente nos diferentes contextos de interação como forma de construção e manutenção da identidade dos envolvidos; e como as estratégias de interação empregadas nos conflitos afetam a identidade de pais e filhas – por mais que haja uma predisposição em buscar-se uma relação amigável e o mais harmônica possível, conforme é apregoado num modelo de família moderna.

Tenho como objetivos mostrar como cada pessoa/participante, em seus papéis interacionais, conduz e co-constrói a interação com o outro através de SUA participação na interação; como as identidades são construídas na relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’ e como se articulam identidades pessoais e de grupo no contexto da família. Procurarei, portanto, identificar os alinhamentos e enquadres que ocorrem durante os acontecimentos familiares; como alguns membros se enfrentam criando situações conflituosas, enquanto outros procuram de alguma forma manter discursivamente a harmonia e a solidariedade na família.

Uma questão teórica que se coloca sobre a construção das identidades e nossa proposta de articular identidades sociais e discursivas no âmbito da família consiste em estabelecer como se dão essas relações que contemplam, por um lado, as identidades dos membros da família individualmente e, por outro lado, as identidades da família, como um grupo social. Buscarei fundamentar teoricamente o processo de construção de identidades e, sobretudo, o estudo da linguagem na interação familiar; como as conversas do dia a dia funcionam, ou deixam de funcionar, para criar, reforçar, complicar e melhorar os relacionamentos na família, mais especificamente, como cada pessoa interage com o outro e produz sua fala na interação e como isso se traduz na relação com o outro (cf. Tannen, 2003).

Pretendi iniciar a revisão da literatura – cap. 2 – tratando das construções sócio-culturais, históricas e interacionais da família; retomando o que alguns autores pensam sobre família, identidade e relacionamentos de ordem interacional da família.

O conceito de família que pretendo abordar neste trabalho é mais abrangente do que a noção que traz a Lei – baseada na consangüinidade ou na adoção –, terei em mente família enquanto instituição social que funciona como um mediador entre o individual e o social, na qual se identifica uma estrutura, funções diferenciadas e (ainda!) uma hierarquia (cf. Mello 2005; Paulo, 2005).

A visão de identidade adotada é a de Charles Antaki e Sue Widdicombe (1998) segundo os quais a identidade está disponível para uso: é algo que as pessoas constroem e que está inserido em alguma outra atividade social; como um recurso do participante; como configuração temporária de múltiplos discursos e forças.

Usarei uma abordagem construtivista, Widdicombe e Zimmerman (1998), baseada na noção de que as pessoas constroem suas próprias identidades sociais, e, de enquadramento (Goffman, 1981; Tannen, 1994, 2003) para examinar interações familiares e descrever como os membros da família negociam enquadres e alinhamentos para resolverem divergências, e, frequentemente, conflitos em suas relações.

Na perspectiva de analisar os relacionamentos na ordem interacional da família, retomo Deborah Tannen (2003) que volta sua atenção para as conversas

do dia a dia em família e examina como esta funciona ou deixa de funcionar para criar, reforçar, complicar e melhorar os relacionamentos familiares.

No capítulo 3, informam a perspectiva teórica deste trabalho em se tratando das relações entre identidade e interação, as seguintes abordagens:

- (i) Abordagem lingüística e sócio-cultural de Bucholtz & Hall (2005);
- (ii) Abordagem da análise da conversa, a partir de Antaki & Widdicombe (1998);
- (iii) Abordagem discursiva da Sociolingüística Interacional, principalmente a partir de Goffman, 1974, 1981; Gumperz, 1982^a; Tannen & Wallat, 1987; Tannen, 2003).

Sobre nossa proposta de articular identidades sociais e discursivas no âmbito da família, especificamos, na seção 3.1, as identidades sociais conforme Sarangi (2006), Snow (2001), Johnstone (1996,2000) e Moita Lopes (2003). Na seção 3.2.2.1 incluí o trabalho de Charlotte Linde (1993) sobre como as histórias de vida expressam nosso senso de *self*, quem somos e como nos tornamos dessa forma.

No capítulo 4, dedicado à Metodologia, descrevemos na seção 4.1 a natureza da pesquisa como inserida na corrente de pesquisas qualitativas, segundo Denzin & Lincoln (2006). Como pretendo apresentar e discutir as interações discursivas que ocorrem em algumas situações familiares, é necessário considerar o contexto em que elas ocorrem. Para tanto, esta pesquisa pretende seguir o paradigma subjetivista/interpretativista, segundo Chizzoti (1991, p.12) “[um] paradigma que advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem” (grifo meu) e, a partir da observação e reflexão, investigar os conflitos e expectativas que permeiam a relação pai/filhas.

Na seção 4.2, descrevemos os tipos de pesquisa: a pesquisa etnográfica; a entrevista sociolingüística e etnometodológica, entrevista como metodologia de pesquisa, segundo Mishler (1995). Contexto e participantes, seção 4.3 e tratamento dos dados, seção 4.4.

Foram feitas gravações em algumas interações familiares, gravações autorizadas pelos participantes, que se dispuseram inclusive a acionar o gravador

quando a pesquisadora não estivesse presente, além de terem os dados à disposição para, com plena liberdade, sugerir cortes.

No projeto original, pensei em analisar apenas os momentos em que houvesse interação familiar; no entanto, percebi a dificuldade que teria em retirar do material dados que me orientassem no estudo da identidade como sendo algo construído em contextos específicos de interação social de maneira negociada. Eu presumira as categorias a serem encontradas e os resultados obtidos a partir das gravações, antes mesmo de havê-los selecionado. A expectativa inicial era observar e refletir sobre conflitos em três modelos de família:

- Primeiramente seria observada a relação entre pais/filhas numa família tradicional (pai, mãe e filhos todos evangélicos, morando na mesma casa e com posturas bem tradicionais, incluindo o tratamento polido: *senhor*); na qual predominam “papéis ‘naturalmente’ diferenciados e complementares, ficando em segundo plano as individualidades” (cf. Barcellos, 2002, p.116).

- A seguir, outra família ainda nos moldes tradicionais – em que pese morarem todos na mesma casa -, mas que apresentam relações bem mais próximas, com posturas consideradas mais modernas, cujos membros mantêm em muitos momentos um diálogo aberto e sem a preocupação com termos considerados polidos; é o que alguns autores (Figueira, 1986; Nicolaci-da-Costa, 1986 e Velho, 1986 *apud* Barcellos, 2002, p.116) dizem que aconteceu nas relações familiares nas camadas médias a partir da década de 1970, “passando-se de um padrão de autoridade ‘tradicional’ e hierárquico entre pais e filhos para um modelo ‘moderno’ e mais igualitário de relação” (Barcellos, 2002, p.116). Instaura-se aqui um modelo de relação baseado na “abertura e no diálogo entre iguais” (ibidem).

- Por fim, seria a vez de se observar a relação entre pais e filhos que moram em casas separadas – pais divorciados, por exemplo -, que tipo de interação teríamos onde os encontros e as oportunidades de conflito são menos frequentes?

No entanto, como tal, o tema parecia demasiado para este estudo e considerei necessário delimitá-lo; optei, então, pelo segundo modelo: continuaríamos com o protótipo da família tradicional.

Porém, a preocupação de ficar apenas com as gravações dos momentos de interação estava me paralisando e impedindo um maior embasamento para que a análise enveredasse rumo à construção das identidades sociais e discursivas na fala-em-interação. Então, no decorrer do trabalho, deixei de lado a exclusividade das gravações em interações, e passei a trabalhar também com Entrevista de Pesquisa – Contexto e Narrativa conforme Elliot G. Mishler (1995). As entrevistas feitas desse modo foram bastante satisfatórias, gerando mais dados para completar a análise e, curiosamente, os dados das entrevistas com as garotas trouxeram de volta os outros modelos familiares e suas relações que eu havia preterido inicialmente.

Os capítulos 5, 6 e 7 são reservados às análises dos dados; assim distribuídos: cap. 5 “Relações de hierarquia e afetividade nas interações familiares”; cap. 6 “Construções sociais e discursivas de pais e filhas” e cap. 7 “Construções sociais e discursivas da família”.

Acredito que essa reflexão seja uma contribuição para repensarmos as interações familiares, auxiliando na compreensão da construção das identidades sociais e discursivas e, principalmente, das relações de conflito e de negociação que permeiam a família em processo de mudança: a figura paterna, que, em muitos momentos, ficou perdida – entendida aqui como sem rumo – em relação a si própria e seu papel, a figura da mãe historicamente perfeita, e das filhas que não sabem em muitos momentos qual seu papel e o que esperar dessa nova família. Este estudo pretende, enfim, ser uma contribuição nessa busca da identidade individual e social, ajudando a sinalizar novos aspectos afetivos nas novas famílias.

No capítulo reservado às reflexões e considerações finais, retomo as perguntas que nortearam esta pesquisa e os objetivos deste estudo e faço um contraponto com os resultados principais obtidos nas análises.